

SOB OS PRINCÍPIOS DE BARÁ/EXU: A ORALIDADE NOS PROCESSOS DO COMUNICACIONAL BATUQUEIRO

Under the Bará/Exu principles: orality in the batuqueiro communicational processes

Bajo los principios de Bará/Exu: la oralidade em los procesos de comunicación batuqueiro

Sérgio Gabriel Fajardo¹
Rudimar Baldissera²

DOI: doi.org/10.31501/esf.v1i28.14704

Resumo: Objetivamos refletir sobre a oralidade nos processos de sacralização da comunicação e de manutenção da comum-idade batuqueira. Para isso, realizamos revisão de literatura e acionamos dados de pesquisa empírica (Silva Neto, 2022), que foram interpretados à luz da análise de conteúdo. Inferimos que, sob os princípios de Bará/Exu, os processos do comunicacional batuqueiro instituem o conteúdo simbólico, mantêm e (re)significam o componente sagrado, preservam a tradição e possibilitam o seu devir.

Palavras-chave: Comunicação. Bará/Exu. Oralidade. Batuque Gaúcho. Comunicacional batuqueiro.

Abstract: Our aim is to reflect on orality in the processes of sacralizing communication and maintaining the batuqueira common-unity. To do this, we reviewed the literature and used empirical research data (Silva Neto, 2022), which was interpreted using content analysis. We inferred that, under the principles of Bará/Exu, the processes of batuqueiro communication institute symbolic content, maintain and (re)signify the sacred component, preserve tradition and enable its becoming.

Keywords: Communication. Bará/Exu. Orality. Batuque Gaúcho. Batuqueiro communication.

Resumen: Nuestro objetivo es reflexionar sobre la oralidad en los procesos de sacralización de la comunicación y de mantenimiento de la unidad común batuqueira. Para ello, revisamos la literatura y utilizamos datos de investigación empírica (Silva Neto, 2022), que fueron interpretados mediante análisis de contenido. Inferimos que, bajo los principios del Bará/Exu, los procesos de comunicación batuqueiro instituyen contenidos simbólicos, mantienen y (re)significan el componente sagrado, preservan la tradición y posibilitan su devenir.

Palabras-clave: Comunicación. Bará/Exu. Oralidad. Batuque Gaúcho. Comunicación Batuqueiro.

¹ Doutorando, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre – RS, Brasil. sfajardopoa@hotmail.com | <https://orcid.org/0000-0002-9430-9863>.

² Doutor, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre – RS, Brasil. rudimar.baldissera@ufrgs.br | <https://orcid.org/0000-0002-8295-9543>.

Principiamos: *Alupô Bará, Laroyê Exu!*

Como nos versa uma das máximas dos terreiros: Exu coloca e tira palavras da boca (Rufino, 2019a, p. 286).

Abrimos caminhos saudando Bará/Exu, Orixá que orienta os processos comunicacionais/interacionais, em qualquer tempo/espço, na cultura batuqueira (e em outras tradições). Pedimos *agô* (licença) para que possamos mobilizar, neste texto, palavras-ideias-ações nas encruzilhadas de *Legba* (*Èṣù-Ẹlẹgbára*), senhor que gosta dos fluxos e funda a experiência com outras bases (Simas, 2021). Na arte de gingar as palavras, como lembra Rufino (2019a), é Exu quem as coloca e as tira da boca.

Evidenciamos, desde aqui, o caráter comunicacional de Bará/Exu, compreendendo a comunicação, os sentidos que faz circular e a significação que constrói, a partir da cosmovisão batuqueira – ótica peculiar de interpretar as coisas do mundo (Corrêa, 2016), com as suas singularidades. Sendo uma tradição amplamente ágrafa, a oralidade, em suas diversas materializações, protagoniza nos processos do comunicacional batuqueiro. Ao não possuir registros oficiais que documentam a liturgia, conforme orienta à tradição, dentre outras coisas, a arte de gingar as palavras (retórica), a memória oral ancestral e a prática em presença são os principais meios de acesso e conhecimento ao conteúdo simbólico batuqueiro (Fajardo & Baldissera, 2023a).

A oralidade, como matiz de potências e fragilidades, gera constantes acréscimos, tensionamentos, transformações e, até mesmo, perdas em relação à significação estabilizada e em

circulação na cultura organizacional dos terreiros³ batuqueiros (locais sagrados de culto e ritos aos Orixás). Interpretamos que essas nuances podem ser lidas, dentre outras coisas, pelos princípios dinâmicos de Bará/Exu, conforme apresentaremos. Vale dizer que essas divindades são associadas no imaginário e nos cultos afro-rio-grandenses⁴, pois Bará é Exu e Exu é Bará. Os seus cultos não são homogêneos. Ao contrário, são resultados de constante processo histórico e afrodiaspórico, que é permeado por “trocas, diálogos, negociações, imposições e resistências” (Silva, 2015, p. 18).

Na perspectiva exuística que assumimos, que se assenta nas encruzilhadas como projeto político/poético/ético decolonial (Rufino, 2019), desde aqui, é fundamental ressaltarmos que, de modo algum, os descompassos ocasionados pela oralidade podem ser lidos como de qualidade necessariamente ruim. Ao contrário, é fundamental ressaltarmos que se trata de processo constituinte da própria cultura e que a trouxe até aqui, em perspectiva de ser permanência e transformação, isto é, a um só tempo, a oralidade preserva a tradição batuqueira (conforme revelam as falas dos/as entrevistados/as que destacaremos) e possibilita que se transforme, como processo vivo que sempre será igual e diferente, revelando aspectos de sua complexidade.

Considerando essas características, em nossas reflexões compreendemos que a comunicação é “processo de construção e disputa de sentido” (Baldiçera, 2004, p. 128). Sob essa concepção, miramos os processos orais do comunicacional batuqueiro. Assim, da trama do comunicacional batuqueiro, o principal objetivo deste texto é o de refletir sobre a oralidade nos processos de sacralização da comunicação e de manutenção da comum-unidade batuqueira. Visando isso, nossos

³ Compreendemos os terreiros, atentando para a sua pluridimensionalidade e complexidade, como “todo o ‘campo inventivo’, seja ele material ou não, emergente da criatividade e da necessidade de reinvenção e encantamento de tempo/espço” (Rufino, 2019, p. 101).

⁴ Mesmo não sendo objeto deste estudo, pontuamos que no Rio Grande do Sul, além do Batuque Gaúcho, são cultuadas, separada ou conjuntamente, a Umbanda, a Quimbanda e o Candomblé (este mais recente).

procedimentos metodológicos compreendem revisão de literatura – com suficiência para atender ao objetivo deste estudo –, conforme apresentamos na sequência, e acionamos dados de pesquisa empírica (Silva Neto, 2022), coletados mediante entrevistas (adiante destacaremos melhor os procedimentos empregados).

Algumas notas sobre o Batuque Gaúcho

O Batuque Gaúcho é uma tradição de matriz africana (Silveira, 2020) bastante cultuada no Rio Grande do Sul, que tem origem nas práticas culturais/filosóficas dos povos iorubás que foram traficados para o estado, no início do século XIX. Segundo Silveira (2020), o Batuque está para além do seu componente religioso, embora esse seja extremamente importante, uma vez que se apresenta como uma proposta civilizatória.

Conforme o mesmo autor (2020, p. 17), “[...] o Batuque não se autogerou nesse estado [...]”, apontando que, se analisarmos sua história, perceberemos suas remissões aos modelos culturais dos povos iorubás. Silveira (2020, p. 17) afirma, então, que “o Batuque possui uma origem africana”, com “teologia própria, destituída pelo epistemicídio brasileiro”. Com base nesses modelos culturais, foi no solo do Rio Grande do Sul que o Batuque Gaúcho foi sistematizado/instituído como tradição/afro-religião, a partir de agenciamentos entre os povos africanos, com um conjunto de intersecções e sincretismos, até resultar no que hoje é praticado.

Na experiência afrodiaspórica, o Batuque Gaúcho foi formulado pelos saberes de diferentes nações/lados africanos, que possuem “formas rituais diversas” (Corrêa, 2016, p. 50). Atualmente, são

cultuadas (algumas mais ramificadas e outras quase extintas) as nações/lados de Jêje, Nagô, Oyó, Cabinda e Ijexá, inclusive sob conjugações (Jêje-Nagô, Jêje-Ijexá etc.). Assim, essa tradição, em convívio dialógico com as diferenças imbricadas, como forma de resistência, reexistência e preservação, constituiu-se na amálgama dessas nações/lados, que apesar de possuírem particularidades, compartilham significações, práticas e ritos comuns.

Vale também dizer que, de modo bastante similar, são cultuados cerca de doze Orixás nessa tradição, que são hierarquizados, sexualizados e possuem diferentes tipos de relações entre si: Bará/Exu⁵, Ogum, Iansã, Xangô, Odé, Otim, Obá, Ossanha, Xapanã, Oxum, Iemanjá e Oxalá. Cada Orixá possui características e princípios próprios, rege certos locais e elementos da natureza, é representado/a por/em determinados símbolos e orienta certos ritos. Isso é revelado, principalmente, pelas narrativas místicas que circulam via oralidade, de geração para geração.

Complementarmente, ressaltamos que a comunidade batuqueira⁶ é formada por diferentes pessoas – negras, não-negras, homens, mulheres, héteros, não-binários, LGBTI+, dentre outras –, que são constituídas e regidas por princípios e características dos/as Orixás. Além de iniciadas, essas pessoas podem chegar aos mais altos níveis hierárquicos, desde que essa seja sua vocação, sendo que mulheres cis, trans e travestis, e homens gays têm se destacado nos postos de lideranças. Essa característica tende a demonstrar uma perspectiva filosófica comunitária, que deve ser acolhedora e respeitosa no convívio coletivo, com outros modos de experienciar o mundo. Em estudo recente, destacamos que “desde a constituição do Batuque Gaúcho, (...) os sentidos de diversidades e

⁵ É importante saber que essa é uma primeira sistematização, pois os/as Orixás ainda são nomeados e subdivididos conforme idade e ordem hierárquica. Por exemplo: Bará/Exu Lodê, Bará/Exu Lanã, Bará/Exu Coladê, Bara/Exu Agelú, dentre outros.

⁶ “Conjunto formado pelos praticantes mais efetivos do culto, isto é, aqueles que, ou cumpriram pelo menos iniciações rituais menores, ou frequentam mais regularmente os templos” (Corrêa, 2016, p. 65).

diferenças são da qualidade das organizações/terreiros, assentando e fortalecendo suas relações com as alteridades” (Fajardo & Baldissera, 2023, p. 212).

Ao proporcionar, dessa maneira, interações de não-exclusão e não-segregação, reafirmamos que, no Batuque Gaúcho, as diversidades e as diferenças são constitutivas da comum-unidade tradicional (Fajardo & Baldissera, 2021). Dito isso, na sequência discorreremos sobre os princípios e materializações dos processos do comunicacional batuqueiro.

Processos do comunicacional batuqueiro e os princípios dinâmicos de Bará/Exu nas organizações/terreiros

Começamos por destacar que compreendemos os terreiros como organizações, porque se estruturam (o que não significa uma determinação e permanência) mediante intenções e interações dos sujeitos batuqueiros, construindo, com objetivos, regramentos e agenciamentos, uma ordenação social passível de gestão (Uribe, 2007). Quanto à necessidade de gestão, conforme estudo anterior, verificamos que a hierarquia organizacional é algo basilar nos terreiros batuqueiros (Fajardo & Baldissera, 2022a). Assim, os terreiros, como “organizações”, podem ser compreendidos como “sistemas vivos” (Baldissera, 2009), que se constituem e se transformam nas relações que tecem com seu entorno eco-sócio-cultural (outros sistemas, para além do religioso) e nas interações que os sujeitos batuqueiros realizam entre si e com a organização à qual estão filiados.

Sob essas compreensões, assumimos que seus processos comunicacionais também são da qualidade da comunicação organizacional, que comporta todos os “processos de construção e disputa

de sentidos no âmbito das relações organizacionais” (Baldiissera, 2008b, p. 169). A reboque dessa concepção, entendemos o comunicacional batuqueiro como todos os processos comunicacionais/interacionais que se materializam nas/pelas organizações/terreiros do Batuque Gaúcho (Fajardo & Baldiissera, 2021), orientados pelos princípios dinâmicos de Bará/Exu.

Nos processos do comunicacional batuqueiro, como já dissemos, a oralidade (a palavra falada) tem protagonismo especial, porque é potência de realização (Sodré, 2017) e “verbo atuante” (Lopes & Simas, 2021) nas afro-tradições. Além disso, com modos próprios de interações, os batuqueiros se comunicam de diferentes maneiras, empregando certos símbolos, objetos e comportamentos que passam despercebidos por quem não é batuqueiro. De modo compendiado, pois não é possível dimensionar todos seus aspectos aqui (necessitam ser vivenciados para serem interpretados corretamente), apontamos que os processos do comunicacional batuqueiro articulam também gestos, instrumentos, símbolos, comidas, danças, comportamentos, performances, dentre outros. Nessa trama comunicacional, a corporeidade (comunicação cinésica) destaca-se nas comunidades-terreiros, uma vez que o corpo, nesses processos, encontra a sua totalidade, integrando o “simbolismo coletivo” (Sodré, 2017). Segundo Rufino (2019, p. 157), “o corpo é o primeiro tambor, como também é o primeiro terreiro”, e é compreendido aqui, com base nas concepções do autor, como “campo de possibilidades”. Nesse sentido, dentre várias coisas, o corpo facilita a participação e a experiência dos sujeitos batuqueiros nos terreiros, complementando e complexificando a oralidade.

Posto isto, refletimos sobre os princípios dinâmicos de Bará/Exu, já que, como apontamos, é Orixá da comunicação/interação que permite/possibilita, ou não, o movimento, inclusive o de axé (força vital), conforme for agradado. Bará/Exu possui o privilégio da primazia nos ritos, pois está presente em

todo o princípio, desde a criação do mundo, até no princípio do fim, conforme contam suas narrativas. Silveira (2020, p. 49) afirma que Bará/Exu, similarmente como Hermes na mitologia grega, “[...] serve de veiculação da força divina, o àse entre os *Òrìsà* [...]” e os batuqueiros, comunicando e sacralizando todo o sistema simbólico. Além disso, explica que “é a divindade da procriação, portanto da vida, e rege a fertilidade e a libido. [...] *Èsù* é a liberdade, [...], *Òrìsà* do culto à beleza” (Silveira, 2020, p. 49). Por várias dessas razões, é o Orixá mais próximo dos seres humanos.

Nas palavras de Rufino (2019, p. 122):

Exu é o signo explicativo de mundo acerca do movimento, do dinamismo, da linguagem e de toda e qualquer atividade criativa, como é também o princípio que fundamenta a condição humana, seja na sua materialidade e caráter individualizado, seja na instância das potências cognitivas e nas interações sociais.

Sobre esse dinamismo que é apontado pelo autor, sabemos que no hibridismo cultural (Hall, 2013) produzido na/pela diáspora África-Brasil, Bará/Exu recebeu (e reivindicou) outros sentidos pelas bandas de cá. Quanto a sua pluralidade, Lopes (2021) esclarece que Exu veste a carapuça que mais lhe interessar, transitando em todos os lugares, em qualquer tempo. A metamorfose é sua característica intrínseca, pois uma das suas narrativas conta que ao ser mutilado, Exu, em cada parte, se refez em integridade e multiplicidade. Exu é boca que come todas as coisas do mundo (tudo mesmo, não somente o que a boca come) e as regurgita transformadas, com outros sentidos. Demonstrando a complexidade das suas faces, Simas (2021, p. 105) explica que:

Exu é aquele que vive no riscado, na brecha, na casca da lima, malandreado no sincopado, desconversando, quebrando o padrão, subvertendo no arrepiado do tempo, gingando capoeiras no fio da navalha. Exu é o menino que colheu o mel dos gafanhotos, mamou o leite das donzelas e acertou o pássaro ontem com a pedra que atirou hoje; é o subversivo que, quando está sentado bate com a cabeça no teto e em pé não atinge sequer a altura do fogareiro. Ele é chegado aos fuzuês da rua. [...] Mas não é só isso e pode ser o oposto a isso.

A contrariedade, o inusitado, o devir, o conflito, a desordem, o caos (re)organizador, a malandragem, a inovação, a oposição, a criatividade e a transmutação, dentre outras coisas, são princípios desse Orixá. Considerando essas características, “Exu é aquele que [...] tem o poder de fazer o acerto virar erro e o erro virar acerto, pois traz em si o poder de realização, é o guardião da casa do futuro [...]” (Silva, 2015, p. 208). Bará/Exu esclarece, para quem sabe entendê-lo (seus modos de dizer), que a ordem e a desordem são movimentos necessários, constitutivos e transformadores da existência.

A seguir, antes da análise dos dados empíricos, apresentamos os procedimentos metodológicos empreendidos.

Oralidade na sacralização da comunicação e na manutenção da comum-idade batuqueira

Conforme Silva Neto (2022), a coleta dos dados empíricos⁷ foi realizada mediante entrevistas com sete pais e mães de santo, mediadas por tecnologia digital, em novembro de 2021. Considerando as diversidades presentes na comunidade batuqueira e as interseccionalidades culturais, foram entrevistadas pessoas negras e não-negras, homens e mulheres, heterossexuais e LGBTI+, com mais de 15 anos na tradição, praticantes de diferentes nações/lados (Tabela 1).

TABELA 1
Pais e mães de santo entrevistados/as

Codificação	Nações/lados	Localização da organização/terreiro
E01	Ijexá	Porto Alegre, RS
E02	Oyó-Cabinda	Alvorada, RS
E03	Jejê-Ijexá	Viamão, RS
E04	Jejê	Porto Alegre, RS
E05	Jejê-Ijexá	Porto Alegre, RS
E06	Cabinda/Jejê-Ijexá	Viamão, RS
E07	Oyó	Porto Alegre, RS

FONTE - Silva Neto (2022, p. 103)

⁷ O estudo foi submetido e aprovado no Comitê de Ética na Pesquisa (CEP) - processo 51804521.8.0000.5347. Seguindo diretrizes éticas, velamos a identificação dos/as participantes, com a seguinte codificação: E01 corresponde a entrevistado/a 01, e assim por diante.

Seguindo os procedimentos da Análise de Conteúdo (Bardin, 2016), os relatos, depois de degravados, foram sistematizados por similaridades temáticas e pelo agrupamento de sequências de texto (ST). Aqui, apresentamos a categoria *Oralidade no processo sacralizador da comunicação e mantenedor da comum-idade batuqueira*, sistematizada a partir dos núcleos de sentidos:

- 1) oralidade na sacralização da comunicação (sob os princípios de Bará/Exu);
- 2) oralidade como articuladora de diferentes linguagens e processos próprios das organizações/terreiros;
- 3) oralidade como mantenedora da comum-idade batuqueira (caracterizando a diversidade e preservando a tradição).

A seguir, apresentamos as análises propriamente ditas com base nas percepções dos pais e mães santo entrevistados/as.

Oralidade na sacralização da comunicação (sob os princípios de Bará/Exu)

Nos relatos obtidos, percebemos que a potência da comunicação oral se relaciona diretamente com o fato de o poder falar (comunicação direta) ser sagrado, considerando a importância da palavra falada, verbalizada, para os sujeitos batuqueiros. Nesse sentido, E04 afirmou que:

Na tradição de matriz africana **a palavra ela é evocadora de coisas boas ou ruins**, ela **tem poder de realização. A palavra é o grande veículo de comunicação**, porque ela **é evocadora, inclusive, da divindade, do sagrado. A gente canta até que Exu se materialize e se faça presente.** (E04)

Especialmente sobre o encantamento da palavra nas organizações/terreiros batuqueiros, essa ST corrobora o afirmado por Sodré (2017), conforme destacamos, de que a palavra tem potência de realização, e reflete nas concepções de Lopes e Simas (2021, p. 41): “[...] a palavra falada, além de seu valor fundamental, possui um caráter sagrado que se associa à sua origem divina e às forças ocultas [...]”. Nessa direção, em relação à origem divina (componente sagrado) da comunicação no Batuque Gaúcho, dentre outras coisas, os/as entrevistados/as afirmaram:

Bem, primeiro que **para falar de comunicação no Batuque, a gente precisa pontuar que para nós a comunicação é sagrada, porque representa Exu, representa Bará, que são senhores da comunicação. [...] temos várias maneiras de nos comunicar**, seja entre nós, seja com o nosso próprio sagrado. **Quando falamos de Exu como senhor da comunicação, estamos falando que cremos em uma divindade que faz essa ligação de comunicar nós com o nosso sagrado, entendendo que Exu é o único ser que tem liberdade de se comunicar com tudo e todos a todo momento e em qualquer tempo, seja no passado, no futuro ou no presente, Exu transcende essa relação. [...] Ele leva a mensagem, não importa com quem se queira falar.** (E03)

A academia vive louvando, endeusando, Hermes e a hermenêutica, **mas no espaço de terreiro quem é senhor do tempo é Exu, é Exunêutica para nós. Ele é senhor do movimento**, a gente só pode estar vivo graças a Ele. **Os nossos órgãos interagem, os nossos olhos se movimentam, a nossa língua tem articulação para poder falar graças a propriedade de Exu. Todos os sentimentos, aliás, são propriedades de Exu.** (E04)

Nesses relatos, fica evidente, em convergência com o que destacamos a partir dos aportes teóricos, a epistemologia sagrada da comunicação no Batuque Gaúcho, com base nos princípios de Bará/Exu. Percebemos, no que é dito, que a significação da comunicação é atravessada pela transcendência temporal de Exu (E03), que é, também, expressada na ideia de “exunêutica” apresentada (E04), quando afirmam que é Exu quem coordena o tempo (mas não de modo linear) e, assim, orienta/possibilita todos os processos do comunicacional batuqueiro. Esses relatos demonstram que a concepção do tempo nessa tradição africana relaciona, simultaneamente, o passado, o presente e o futuro, a partir de uma disjunção temporal que proporciona outros entendimentos sobre a ordem dos acontecimentos do mundo, com outras interpretações e experiências, inclusive, “porque o tempo linear, com horas, dias, meses e anos é também uma ilusão” (Lopes & Simas, 2021, p. 24). Nessa direção, vale retomar Silveira (2020, p. 178), quando afirma que “é a experiência africana que proporciona a exunêutica”. Como dissemos no início deste artigo, Exu é quem põe e tira as palavras da nossa boca (Rufino, 2019a), articulando a nossa língua até a nossa fala (E04), levando mensagens em qualquer tempo/espço, transcendendo o passado-presente-futuro (E03), já que a pedra que acertou o pássaro ontem foi lançada hoje (Simas, 2021).

Com base nas sequências de texto que apresentamos, podemos afirmar que:

a) nessa tradição a palavra é importante veículo de comunicação e de materialização de poder, é evocadora, tanto para coisas boas, como para as ruins, e é possibilidade de manifestação do sagrado (E04);

- b) a comunicação, principalmente a atinente à fala, é sacralizada com base nos princípios de Bará/Exu, Orixá que possibilita o movimento de transacionar sentidos em todos os lugares, seja entre humanos-humanos, humanos-Orixás, e a qualquer tempo (conforme E03 e E04);
- c) sob os princípios de Bará/Exu, em diversas materializações, a oralidade e a comunicação possuem outras leituras e significações (de alta carga semântica, com base no componente sagrado) nas organizações/terreiros de Batuque Gaúcho;
- d) na experiência batuqueira da sacralização da comunicação, a oralidade se assenta na origem divina e explicativa de mundo de Bará/Exu, com possibilidade e encantamento para gerar e regenerar, ambivalentemente, poder e submissão, ordem e desordem, manutenção e possibilidade de preservação;
- e) não há processos de comunicação/interação, na cultura batuqueira, se não a partir desse Orixá, conforme revelam os relatos.

Oralidade como articuladora de diferentes linguagens e processos próprios das organizações/terreiros

Outra questão que se desprende no que foi dito pelos/as entrevistados/as é que a oralidade articula diferentes linguagens e processos, agenciando, dentre outros, a comunicação verbal, o vestuário, os sons e ritmos, a comunicação cinésica e os objetos, nas interações próprias das organizações/terreiros. Essas interações manifestam-se como linguagem complexa, de maneira particular nas cerimônias/ritos/festividades, materializando-se em performances, com diferentes

afetações e sensibilidades, seja como referência às características das nações/lados (codificando, agenciando e/ou compartilhando conhecimentos), seja ilustrando as narrativas míticas, ou, até mesmo, como manifestação das divindades.

No comunicacional batuqueiro, os tambores, os instrumentos, as vestimentas, as guias (cordões de contas), entre outros, são acionados para a produção e circulação de sentidos específicos, conforme a interação, a intensão, a ocasião, o nível hierárquico, a tradição e o ritual. Os seguintes relatos demonstram isso:

Temos várias maneiras de nos comunicar, que não só pela parte escrita ou oral, a nossa parte auditiva e visual também comunicam. Nosso segundo meio de comunicação vai ser propriamente o tambor e os instrumentos. Isso vai gerar comunicação. Um iniciado, se ele está chegando no portão de uma casa de axé, e ele escuta um *alujá* [toque de tambor para Xangô], ele sabe o que é um *alujá*. Se ele escuta a balança [outro toque para Xangô], ele **sabe o que pode e não pode fazer somente escutando o som desse instrumento.** (E03)

O tambor é um meio de comunicação falante, berrante. O tambor fala, está dentro de uma orquestra, onde **se bate a percussão e se comunica.** (E07)

Diante disso, inferimos que:

a) com meios próprios de interações, como o tambor (E03; E07), esses processos são possíveis visto que há nessas relações um sistema de significações que, agenciados e partilhados pela ancestralidade batuqueira, constituíram/constituem e complexificam a trama comunicacional;

b) nessas interações, a oralidade aciona e articula, mediante diferentes interações e em diversos comportamentos próprios, linguagens que só podem ser acessadas, interpretadas e traduzidas, em densidade, a partir da iniciação e vivência na tradição batuqueira, ou seja, na prática em presença, que possibilita acesso à pedagogia própria das organizações/terreiros batuqueiros (Fajardo & Baldissera, 2023a);

c) os símbolos comuns aos sujeitos batuqueiros (visuais, sonoros, sensitivos etc.), nesses processos, constroem e disputam sentidos (Baldissera, 2004), afetando a todos os que estão na trama comunicacional, pois são estímulos para quem a mensagem é emitida e para quem a emite (conforme E03);

d) esses sentidos e seus significados, portanto, só podem ser interpretados a partir das compreensões que os sujeitos batuqueiros têm sobre essas linguagens e processos, com a apropriação/incorporação da cosmovisão batuqueira e da identidade batuqueira (Corrêa, 2016), o que pressupõe tempo de experiência prática na tradição.

No que se refere à comunicação visual, e ilustrando os desdobramentos da oralidade e a performance de suas linguagens e processos, o seguinte excerto de relato é exemplar:

Há comunicação visual, através da roupa, do fio de conta, da comida. E aí literalmente não precisa nem de palavra nem de som. Por exemplo, **se eu ver uma pessoa com uma *delogum*** [guia imperial], **que tenha uma série de contas de cores diferentes divididas por búzios, eu sei que aquela pessoa é Babalorixá** [pai de santo]. Muitas vezes a gente brinca com essa relação da **comunicação visual quando estamos no meio do grande público. Ah, fomos para praia e tu olhou para o pé de uma pessoa e tu vê uma série de cordõezinhos amarrados, opa, aquele lá é batuqueiro.** (E03)

Diante disso, e considerando os demais relatos analisados, podemos inferir que:

- a) as linguagens e os processos da comunicação visual (da comida à vestimenta), revestidas em amplos modos de comportamentos, possibilitam formas de reconhecimento e interação entre batuqueiros/as, até mesmo quando estão em lugares externos à organização/terreiro;
- b) esses processos comunicam/notificam, também, o nível hierárquico do sujeito batuqueiro, através do modelo da guia (cordão de contas) ou do axó (roupa de santo) que usam, dentre outros símbolos/objetos que podem ser acionados para isso;
- c) essas diferentes linguagens integram e facilitam as performances da oralidade nos processos do comunicacional batuqueiro, pois, por exemplo, convergem para comunicar quais pessoas podem, ou não, participar de certos ritos (notificando o nível hierárquico e/ou de qual Orixá a pessoa é – isso determina, também, as suas atuações e papéis, direitos e deveres), dentre outras coisas;

d) como forma estratégica, com agenciamentos para isso, na trama comunicacional a oralidade também cumpre o papel de limitar o acesso à significação do conteúdo simbólico batuqueiro para os não-batuqueiros, estabelecendo fronteiras entre quem está dentro e quem está fora dessa comum-unidade.

Oralidade como mantenedora da comum-unidade batuqueira (caracterizando a diversidade e preservando a tradição).

Complementarmente, a oralidade, evidenciando seus modos estratégicos de materializações, também atua para a manutenção do sentido de comum nessa comunidade – bastante diversa –, proporcionando convívio de trocas e diálogo (o que inclui suas regulações e conflitos) entre os saberes das diferentes nações/lados. Além de caracterizar as particularidades da tradição batuqueira, a oralidade a preservou, em um gingar de perdas e ganhos, de manutenções e de transformações, através dos séculos.

Os seguintes trechos das entrevistas demonstram a perspectiva e o sentimento de comum-unidade tradicional batuqueira, conforme destacamos:

A oralidade evidencia o nosso caráter de ser coletivo, tu está no mundo para as relações. (E01)

A oralidade, para mim, une as visões para chegar em um elo que é feito dentro do terreiro. (E06)

Essa comunicação é muito rica, mais rica ainda era antigamente. Porque eles tinham que ter a união entre eles para fazer a festa, para fazer uma roda. [...] Hoje, olha que bacana estar numa roda com Oyó, Cabinda, Jêje, Ijexá e Nagô. Povo, comunidade e tradição. É 100% a oralidade

que nos faz essa tradição. O dia que a gente parar com a oralidade, o Orixá não vem mais falar conosco, porque ele vem pela oralidade. (E07)

Nessa perspectiva do comum da tradição, ao articular, mas sem anular, as diversidades, a oralidade no comunicacional batuqueiro:

- a) com a complexidade das suas materializações, ao mesmo tempo em que gera perturbações e descompassos, também caracteriza e preserva o Batuque Gaúcho (E07);
- b) possibilita às diferentes vertentes de conhecimentos estarem em interação e convívio;
- c) proporciona relações de diversidades entre as características de raiz, que são imbricadas e preservadas, articulando o conjunto simbólico partilhado na comum-unidade batuqueira.

Diante dessas característica da oralidade no (re)tecimento do conjunto simbólico batuqueiro, vale retomarmos aqui Sodré (2017, p. 177), quando destaca que nas comunidades-terreiros “a comunicação implicada refere-se primordialmente a um comportamento ou à ação simbólica de vincular ou pôr em comum partes diferentes no interior de um sistema”. Além disso, os relatos dos/as entrevistados enfatizam, também, o viés estratégico da oralidade na preservação da tradição batuqueira, como podemos:

As nossas raízes, da nossa bacia, **é na oralidade.** (E02)

Nem tudo que eu sei eu posso escrever, com o perigo de onde esse conhecimento pode chegar, e de como ele será utilizado por alguns atores. **A oralidade ainda hoje nos salvaguarda.** (E03)

A oralidade é o próprio culto, é a continuidade da nossa tradição. (E04)

É extremamente difícil para nossa tradição que a gente consiga se desprender da oralidade.
(E05)

A maior importância da oralidade é não sair da tradição. Se a tradição lá inicia sem escrever livro, é sinal de que a melhor maneira é ficarmos na oralidade. **A oralidade nos manteve até aqui. [...] No livro, como já aconteceu, tu bota fogo. Na oralidade tu não bota fogo. O livro cai no esquecimento em uma prateleira, a oralidade não cabe na prateleira, ela vem do cérebro, tu vai passando. A oralidade vem com a nossa tradicionalidade. Eu te falo algo e tu vai passando adiante através da oralidade.** Não precisa estar com livro embaixo do braço para o fulano ter de ler. **A oralidade está na mente e na boca.** (E07)

As análises permitiram depreendermos que a oralidade:

- a) é compreendida como aporte estratégico de manutenção da comum-unidade batuqueira (até porque exige a presença física dos sujeitos nos terreiros), e por isso fortalece e acrescenta à tradição, que se sobressai, segundo E07, aos possíveis ataques que tentaram/tentam atingir/erradicar importantes significações da cultura batuqueira (nesse sentido, cabe pontuarmos que a História, inclusive recente, evidencia muitos exemplos perversos desses ataques, sob o viés de mundo colonial/cristão);
- b) é acionada, a um só tempo, como principal mecanismo de manutenção e de prevenção cultural, pois é nela que estão às raízes da tradição (E02), o que tem potência para explicar as

dificuldades de se “desprender” da centralidade (e das nuances) dos processos orais nos terreiros batuqueiros (E05);

c) estabelece métodos de transmissão de conhecimentos que o não-batuqueiro não pode controlar (preservando as fronteiras de seu território);

d) é empregada para transmitir conhecimentos, sob diversos processos e interações que lhes são peculiares, em perspectiva de preservação tradicional;

e) como forma de registro e processo de circulação de saberes, apesar de todos os esforços de extermínio massivo dos/as negros/as e das suas práticas culturais, dentre outras coisas, foi basilar para a manutenção das tradições das diferentes nações/lados;

f) portanto, é matriz da tradição, salvaguardando seus saberes e mistérios, e é apontada, em diferentes relatos, como possibilidade de manutenção e de devir do Batuque Gaúcho.

Considerações e possibilidades

Nas encruzilhadas que traçamos a partir do que objetivamos neste estudo, compreendemos que as percepções dos pais e mães de santos entrevistados/as se articulam aos nossos pressupostos teóricos, confirmando a centralidade da oralidade nos processos de sacralização da comunicação, sob os princípios de Bará/Exu, e de manutenção da comum-idade batuqueira. Percebemos, nas análises dos dados empíricos, que os processos orais do comunicacional batuqueiro, com linguagens, processos e meios próprios, são dinamizadores das prescrições basilares dessa cultura, para instituição do conteúdo simbólico orientador, para manutenção e a (re)significação do componente sagrado, bem

como para a preservação e devir da tradição. Especialmente na sacralização da comunicação, a oralidade proporciona e caracteriza interações entre os componentes materiais e os sagrados nos terreiros - próprios da cosmovisão batuqueira de mundo (Corrêa, 2016).

Assentada no “[...] caráter dinâmico, criativo e inacabado” (Rufino, 2019, p. 109) de Exu, a oralidade evidencia que seus processos são inacabados e abertos, que podem ser metamorfoseados, acrescidos e transformados, pois estão para o devir, para o que é inédito. Agenciando e gerindo estrategicamente esses distintos processos, as organizações/terreiros possuem meios próprios de comunicação, que se materializam em diferentes linguagens, com ampla carga simbólica e sob diferentes performances, que somam e complexificam os processos da oralidade, conforme revelam os dados empíricos.

Ressaltamos, quanto ao papel da oralidade na manutenção da comum-unidade batuqueira, que ao não necessitar do letramento de escrita e leitura, ela amplia o acesso a diferentes pessoas, desde que essas sejam iniciadas. Como aspecto de preservação desta tradição, a oralidade é, de diferentes modos, articulada de forma estratégica, ao não registrar a cultura em documentos escritos, preservando a cultura batuqueira (que, com rastros coloniais e estruturais da sociedade brasileira, ainda é fortemente atacada por vieses intolerantes, cristãos e racistas). Vale destacar também que, mesmo com todas suas nuances, ao frisar a necessidade da experiência prática no terreiro, a oralidade preserva a manutenção das organizações/terreiros e da própria comunidade batuqueira como um todo, principalmente porque, se fosse registrada em documentos, o presencial esmoreceria, perderia força e poderia, até mesmo, culminar na extinção desta tradição. Além do fato de que seus saberes poderiam

ser acessados por diferentes pessoas, inclusive por não iniciados/as, o que vai contra aos princípios da tradição batuqueira.

Por tudo isso, de distintos modos, percebemos que os princípios de Bará/Exu, orientadores do comunicacional batuqueiro, se associam e são explicativos, na interpretação das interações batuqueiras, do constantemente ocasionar de ordem e desordem organizacional nos terreiros do Batuque Gaúcho. Isso porque Exu é caos explicativo que se manifesta para estabilizar, fissurar, inverter e, até mesmo, transformar às significações, malandreado, gingando e fazendo estripulias pelas brechas. É nos avessos e nas frestas que Exu (gargalhando) faz suas andanças e poetiza a vida, nos versando, dentre outras coisas, sobre possibilidades.

Ademais, nos parece que Bará/Exu é agente propício para pensarmos, a partir dos terreiros batuqueiros, aspectos do contexto brasileiro, pois Ele presenciou o passado, está agora perambulando e girando nas encruzilhadas do presente e é quem sabe sobre o futuro (pois é astuto e já está por lá), e assim pode nos explicar/contar sobre perspectivas decoloniais de mundo. Isso porque é Exu, também, quem orienta e possibilita, com toda sua sapiência e criatividade, outras significações, experiências e perspectivas.

Para compreendê-lo, contudo, é necessário entender o que Ele diz em seus interditos, em seus avessos emaranhados e explicativos do mundo. Como poetizou Olavo Bilac, é preciso ter ouvido capaz de ouvir e de entender as estrelas, para assim ser sagaz e compreender o que comunica Bará/Exu. Encerrando nossos giros por aqui, cumprimentando este Orixá como fizemos ao abrir este texto, estimamos que o movimento de Bará/Exu faça com que as ideias aqui arriadas, cruzadas, ofertadas e

tecidas reverberem em outros estudos, por outros caminhos, se assim for do seu agrado. *Alupô Bará!*
Laroyê Exu!

Referências

- Baldiçera, R. (2004). *Imagem-conceito: anterior à comunicação, um lugar de significação*. [Tese de doutorado, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul].
- Baldiçera, R. (2008b) Comunicação Organizacional: uma reflexão possível a partir do Paradigma da Complexidade. In I. L. Oliveira, & A. T. N. Soares (Orgs.). *Interfaces e tendências da comunicação no contexto das organizações* (pp. 149-177). Editora Difusão.
- Baldiçera, R. (2009). *Comunicação, organizações e comunidade: disputas e interdependências no (re)tecer as culturas*. III Congresso Brasileiro Científico de Comunicação Organizacional e Relações Públicas, 2009, São Paulo, São Paulo, Brasil.
- Bardin, B. (2016). *Análise de conteúdo*. Edições 70.
- Corrêa, N. (2016). *O Batuque do Rio Grande do Sul - antropologia de uma religião afroriograndense*. Editora Cultura & Arte.
- Fajardo, S. G., & Baldiçera, R. (2021). O comunicacional batuqueiro: interface entre conceitos da comunicação organizacional e da cultura. In A. T. Martins, & C. Freitas (Orgs.). *Pesquisas comunicacionais em interface com arte, tecnologia, religião, meio ambiente* (pp. 56-72). Pimenta Cultural.
<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/220212>.
- Fajardo, S. G., & Baldiçera, R. (2022a). Oralidade e poder hierárquico nas organizações/terreiros do Batuque Gaúcho: entre o direito sagrado de fala e o dever de escuta atenta. *Revista Logos*, 29, 115-132, 2022a.
<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/logos/article/view/69986>.
- Fajardo, S. G., & Baldiçera, R. (2023). Na encruzilhada do comunicacional batuqueiro: cruzos sobre os sentidos de diversidades e diferenças no Batuque Gaúcho. *Patrimônio e Memória*, 19 (1), 194-216, 2023.
<https://pem.assis.unesp.br/index.php/pem/article/view/1512>.

Fajardo, S. G.; Baldissera, R. (2023a). Comunicação organizacional e cultura no Batuque Gaúcho: dos processos da oralidade às significações do rito de axé de fala no comunicacional batuqueiro. In A. Pase, & C. Kieling, & D. Campos (Orgs.). *Diversidade, raça e gênero na comunicação* (pp. 111-138). Sulinas.

Hall, S. (2013) *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Editora UFMG.

Lopes, N. (2021) *Bantos, Malês e identidade negra*. Autêntica.

Lopes, N., & Simas, L. A. (2021). *Filosofias africanas: uma introdução*. Civilização Brasileira.

Rufino, L. (2019). *Pedagogia das encruzilhadas*. Mórula Editorial.

Rufino, L. (2019a). Pedagogia das encruzilhadas: Exu como Educação. *Revista Exitus*, 9(4), 262-289.
<http://www.ufopa.edu.br/portaldeperiodicos/index.php/revistaexitus/article/view/1012>.

Silva, V. G. da. (2015). *Exu: o guardião da casa do futuro*. Pallas.

Silva Neto, S. G. F. da. (2022). *Comunicação organizacional e cultura no Batuque Gaúcho: a oralidade no comunicacional batuqueiro*. 2022. [Dissertação de mestrado, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul]. Repositório Digital da UFRGS.
<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/235387>.

Silveira, H. A. A. (2020). *Não somos filhos sem pais: história e teologia do Batuque do Rio Grande do Sul*. Arole Cultural.

Simas, L. A. (2021). *O corpo encantado das ruas*. Civilização Brasileira.

Sodré, M. (2017) *Pensar nagô*. Vozes.

Uribe, P. M. (2009). *La idea de organización: una concepción amplia para una acción efectiva*. Editorial comunicación.